

ARTE E TERAPIA

Sob o enfoque da collage

ART AND THERAPY
Under the collage approach

Suzana de Noronha Dias Fernandes Dalessio¹

Resumo

O propósito desse artigo é demonstrar a relevância da prática artística como instrumento terapêutico, detendo-se mais especificamente à prática da Collage – linguagem artística em que se utiliza a colagem. A partir da revisão bibliográfica, o leitor será contextualizado sobre as sete funções terapêuticas da arte; a conceituação sobre Collage feita a partir de breve panorama da história da arte e o processo de collage como trajetória amorosa.

Palavras-chave: collage, arte-terapia, expressão artística.

Abstract

The purpose of this article is to demonstrate the relevance of artistic practice as a therapeutic instrument, focusing more specifically on the practice of Collage – artistic language in which collage is used. From the bibliographic review, the reader will be contextualized about the seven therapeutic functions of art; the conceptualization of Collage based on a brief overview of the history of art and the collage process as a love trajectory.

Keywords: collage, art therapy, artistic expression.

A arte como terapia – as sete funções da arte

A arte como instrumento tem o poder de ampliar nossas capacidades para além dos limites impostos pela natureza; compensa nossas fraquezas inatas – nesse caso mais mentais do que físicas, fragilidades psicológicas, introduzem os autores (BOTTON et al., 2014).

O primeiro papel da arte seria de **rememoração**. Esse processo, cuja escrita é a principal reação aos efeitos do esquecimento, encontra ainda na pintura ou fotografia meios para que a preservação de experiências, muitas das quais belas e passageiras, e para as quais necessita-se de ajuda para conservação. Nesse ponto, atribui-se o caráter de obra de arte, a uma foto de família que alcança seu objetivo ao ressaltar os elementos valiosos mais difíceis de captar – o núcleo da significação, sua essência (BOTTON et al., 2014).

A função de **esperança** da arte, tem o poder de nos afastar dos problemas e injustiças do mundo, não por meio da alienação e sim pela compreensão do reconhecimento do que é possível fazer e dos esforços que se devem empregar para alcançar êxito, um ingrediente importante para trazer otimismo. Desse modo, a admiração de uma imagem ideal, pode ser preciosa à medida que nos permite a aproximação da consciência sobre a raridade de se obter na vida a realização integral dos nossos desejos. Da mesma forma, a idealização encontra seu contraponto no efeito despertado pela caricatura, em que o exagero e a simplificação se perdem nas experiências do cotidiano, desenvolvem (Ibidem).

Botton e Armstrong argumentam (2014), que outro aspecto importante da arte é contribuir para o **enfretamento do sofrimento**. A sua representação artística oferece condições para a compreensão de que o sofrimento faz parte da vida, e que devemos aceitar seus aspectos sombrios, ao invés de isolá-los ou negá-los. No encontro entre a arte e o sofrimento, pode acontecer a sublimação, em processos psicológicos de transformação, que transformam experiências ordinárias e pouco significativas em algo nobre, defendem. Quando a arte traz o sofrimento para o coletivo, contribui para dissociar o aspecto de maldição que se atribui ao processo de sofrimento individual, sob a ótica de quem sofre.

Cabe ainda, à arte o papel de **reequilíbrio**, na medida que as emoções vividas nas dinâmicas das relações cotidianas podem tencionar mais para um lado ou outro. Desse modo, presunção, insegurança, confiança, desconfiança, frivolidade ou seriedade, podem encontrar nas representações artísticas seu contraponto. A arte assume ainda papel edificante no que tange à moral, uma vez, que por meio da representação artística aproxima o apreciador do erro, do desvio, e ainda assim, encontra meios para reflexão sobre os caminhos à condução de vida boa e equilibrada, esclarecem os autores (Ibidem).

A **compreensão de si**, é outro aspecto relevante no papel da arte, desenvolvem Botton e Armstrong (2014), salientando que, apesar da intuição que se tem a respeito de emoções contraditórias, há estados de espírito que não são facilmente reconhecidos, e que quando esbarram com uma obra de arte, adquirem um aspecto mais nítido. A reação ao conjunto de símbolos que formam o diagrama da vida expressa em uma obra de arte, permite que a fluidez e indistinção da identidade pessoal seja apresentada de forma palpável e manejável.

A função de **crescimento** da arte, se dá à medida que proporciona pontos de contato com o desconhecido. Características tácitas e secretas da relação com arte podem suscitar medo, tédio ou ambos. Diante desse contexto, o envolvimento com a arte

¹ Suzana Dalessio é Especialista em Cuidados Integrativos pela UNIFESP, e MBA em Liderança e Gestão de Pessoas, pela Fundação Getúlio Vargas. Atuou como executiva em instituições dos segmentos Financeiro, Serviços e Saúde. Desde 2009, desenvolve práticas artísticas, utilizando a collage como linguagem expressiva, participando de mostras com temáticas relacionadas ao universo feminino. Em sua pesquisa explora o uso da collage como instrumento de autocuidado e terapia integrativa. Atua como facilitadora de oficinas criativas, coaching de carreira e terapeuta integrativa.

apresenta exemplo vigoroso do tipo de material estranho que aciona as defesas do tédio e medo e nos concede tempo e privacidade para aprendermos a lidar de forma mais estratégica com isso, discorrem Botton e Armstrong (2014). A consciência sobre o estranhamento causado é um importante passo para superação da posição defensiva que se assume frente à determinada obra de arte. Os autores constatarem que é provável que exista pelo menos um aspecto, que gere a aproximação de quem sente a estranheza, daquele que produziu a obra de arte. A arte que começa parecendo estranha é valiosa porque apresenta atitudes e ideias que dificilmente seriam encontradas no ambiente costumeiro, desenvolvem os autores, apesar de serem fundamentais para o envolvimento individual com a própria humanidade. Muitas das facetas individuais se perdem na dinâmica do dia a dia, nas diferentes culturas, e talvez continuem adormecidas até se depararem com a provocação de determinada obra de arte, alertam os autores (Ibidem).

Uma das maiores falhas do ser humano e causa da infelicidade humana, provém da dificuldade de percepção daquilo que está ao redor. A arte em sua função de **apreciação**, se torna recurso importante para viabilizar o retorno à concepção mais precisa do que é valioso, ao operar contra o hábito. O poder de homenagear o valor da vida comum, faz com que a arte desempenhe seu papel de auxiliar no despertar para o mérito da vida comum, constatarem (BOTTON et al., 2014).

Os autores (Ibidem) concluem portanto, que as consequências em se **adotar uma visão terapêutica da arte é reconhecer a possibilidade de oferecer a aproximação de uma versão melhor do ser humano de si próprio**, e a partir daí compensar ou corrigir fragilidades psicológicas, que fazem com que esqueça-se daquilo que realmente importa, e em decorrência disso, perca-se a esperança diante das adversidades da vida, gerando isolamento pela dificuldade em reconhecer que as dificuldades são aspectos normais da existência. Esse processo que ocasiona desequilíbrio dificulta a clareza de que a humanidade é feita de múltiplos, e que por isso, é difícil transpor o grau de mistério inerentes à condição humana, composta de diversas experiências e pessoas ao longo das épocas, gerando paradoxalmente distanciamento do real valor da vida, pela idealização de que o melhor está em outro lugar.

Finalmente, a arte cumprirá seu papel de corretivo da memória fraca, provisão de esperança, fonte de dignidade para o sofrimento, atuando como agente de equilíbrio, oferecendo guia para autoconhecimento e ampliação da experiência promovendo a recuperação da sensibilidade humana, como ressaltam (BOTTON et al., 2014).

Collage como arte – breve panorama histórico

As primeiras referências sobre collage nos remetem à China, por volta de 200 A.C., no período em que houve a invenção do papel, entretanto, apenas por volta do século XII, no Japão, calígrafos passaram a aplicar o papel colado com textos sobre superfícies (National Galleries, Cut and paste – Collage before cubism, 2019).

Gradativamente a técnica foi migrando para a Europa medieval, e painéis feitos com folhas de ouro, começaram a ser aplicados em catedrais góticas por volta do século XV e XVI, assim como a aplicação de joias e outros materiais preciosos foi feita sobre imagens religiosas, ícones brasões de armas (Ibidem).

Mais adiante, no século XVII, os recortes artísticos tiveram seu primeiro registro nas criações de Rudolf Wilhelm Von Stubenberg (1643-1677). Silhuetas cortadas em papel branco, que coladas a subcamadas pretas, as quais algumas foram preservadas até hoje, retratavam representações imaginativas envolvendo cerimoniais de casamentos

e adorações religiosas, além de motivos ornamentais e brasões de armas (Ibidem).

Na Era Vitoriana, os nobres tinham como hobby, a composição de imagens a partir dos recortes de fotografias, sobrepostos a pinturas em aquarela, representando uma espécie de crônica social da época, e sinônimo de status, esclarece Silvio Alvarez, em sua formação básica sobre collage (SAVOÁ, 2018). As produções tornam-se uma espécie de álbum de memórias, e em 2010, o Museu de Arte de Chicago, reúne em uma exposição, importantes exemplares da época, que evidenciam o fenômeno que a foto colagem despertava entre a nobreza.

O status da collage como arte, ocorre no século XX, a partir do surgimento do Cubismo – movimento artístico europeu, que surgiu na França no começo do século XX e se caracteriza pela utilização de formas geométricas para retratar a natureza. A arte cubista é considerada uma “arte mental”, onde cada aspecto da obra deve ser analisado e estudado de modo individual. Elementos da realidade são incorporados às pinturas de Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882 – 1963). A pintura passa a ser concebida como processo em construção sobre um suporte, a que se é possível agregar diferentes elementos como recortes de jornal, tecido, madeiras, objetos e outros.

O poder expressivo que a combinação de diferentes materiais possibilita, evolui para o Dadaísmo - vanguarda artística moderna que surgiu com o objetivo de romper com os estilos clássicos e tradicionais, agindo de modo “anárquico” e “irracional”. As obras do Dadaísmo consistiam na desconstrução da arte tradicional, tendo como proposta a ideia da desordem, do caos e do acaso. Com isso, o propósito dos artistas dadaístas era criar uma arte de protesto que chocasse a sociedade burguesa. (www.significados.com.br/dadaismo). Nessa época, a composição de fotomontagens torna-se mais presente e intensa nas criações artísticas.

A abertura irracional que o Dadaísmo acrescenta ao fazer artístico, leva caminho para o Surrealismo – movimento artístico literário, que apresenta a combinação do representativo, abstrato, real e do inconsciente. A construção de uma “realidade irreal”, sob influência da Psicanálise de Freud, uma vez que enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa, é característica desse movimento. Um dos seus objetivos foi produzir uma arte que estava sendo destruída pelo racionalismo.

A vibração das cores e a collage são reunidas nas marcantes obras de Henri Matisse (1869-1954), que no final da vida, acamado em razão de câncer de intestino, buscou na técnica de colagem, uma alternativa para continuar pintando, usando tesouras e cola, e criou uma das mais relevantes séries de collage da história da arte contemporânea. A POP ART, movimento artístico que ganhou maior representação na década de 60, carrega em suas obras, a demonstração da cultura de massa popular capitalista. As composições de collage feitas a partir desse período incorporam elementos trazidos de objetos de consumo da época, cores inusitadas utilizadas em publicidade.

Na atualidade, a collage tem sido conceituada como linguagem híbrida, com a qual é possível a criação de código único e pessoal de expressão, em que diálogos próprios permitem expressão poética, com potencial ilimitado, uma vez que absolutamente tudo que nos cerca pode se tornar elemento para collage, defende Rebeka (Elizegi, 2018). A expansão da collage manual que utiliza tesoura, cola e diferentes elementos, encontra na evolução digital a sua popularização, seja por meio do uso de softwares profissionais, ou aplicativos para aparelhos celulares. A prática se torna uma maneira, de por meio da seleção de imagens, recortes, associação, reorganização, sobreposição e reconstrução, possibilitar a criação de uma realidade, editada daquilo que vemos e vivemos no nosso cotidiano.

O acesso às mídias sociais, favorece ainda o compartilhamento desse olhar recortado e colado mundo afora universalizando ainda mais essa forma de linguagem. A manifestação artística expressiva em torno do elemento collage fez surgir milhões de artistas sem galeria, que ressignificam imagens, criam signos, recontam histórias e compartilham suas criações em crescentes comunidades virtuais.

Em 11 de setembro de 2022, mais de 7,4 milhões de collages são visualizadas ao utilizar a *#collageart*. Quase 2 milhões de imagens estão associadas à *#collageartwork*; 2,4 milhões estão vinculadas à *#collageartist* e ainda 31,6 milhões de imagens estão disponíveis quando se faz uma busca utilizando a *#instacollage*, no aplicativo @instagram. Sem dúvida um fenômeno sem precedente na “contemporânea história da arte”.

Collage como trajetória amorosa – processo de criação da collage

Em Collage como trajetória amorosa, Fuão (2011) apud Max Ernst para definir collage como “transfiguração de todas as coisas e seres, em uma mudança de significado”. O processo que envolve a etapa de escolha de elementos, figuras conforme interesse – o recorte; resulta em fragmentos ou figuras. A partir daí busca-se nova composição das imagens recortadas, promovendo novos encontros, liberando-as do contexto anterior, conclui. Esse fazer, Fuão (2011) define como “fusão associativa de formas e ideias, para permitir que o mundo fale através das imagens, signos e fragmentos”. Essa linguagem se contrapõe à ordem das coisas, de seus conceitos, significados e tolerâncias.

Um dos principais elementos para composição de collages é a imagem impressa de fotografias, segundo Fuão (2011, p.25), “a representação do mundo por imagens fotográficas, passa pela formação da imagem na câmara escura. A imagem fotográfica vem acompanhada por uma estética da visão, por uma moralidade higiênica de mais luz, que tem orientado e conduzido toda a história da prática pictórica”.

A fragmentação na collage, é vista como um processo estendido, segundo Fuão (2011), no qual se admite desmembrações dentro de desmembrações. “Na collage de reproduções impressas, um fragmento pode ser uma fotografia, um recorte de fotografia, um pedaço de papel, um jornal, uma cartolina, um bilhete, uma nota, um postal.” Esses fragmentos têm a propriedade de aguçar a imaginação, defende Fuão (2011 p.14), “porque temos aptidão de rememorar as coisas de um modo completo, restituí-las pelo hábito da tradição da vista, da perfeição. Temos o hábito de vê-las únicas, íntegras”.

A desfiguração da imagem impressa, que já vem carregada do olhar de quem a criou, representa a cisão de uma realidade subjetiva, e para quem faz collage, o significado de uma figura não é só o que ela representa, mas o que ela pode articular com outra, pois cada figura é um argumento, uma casa deslocada, e a collage é o lugar onde se dá o encontro de uma linguagem amorosa, onde figuras se exibem em sua essência. Nesse aspecto Fuão (2011, p.30) destaca:

Uma figura sempre é um espaço, uma casa, um lugar onde reside uma pequena narrativa desconhecida. Do mesmo modo com que se elaboram os sonhos, a collage não toma seus elementos dos grandes e importantes acontecimentos, mas dos detalhes secundários, dos resíduos, dos fragmentos do passado próximo ou longínquo (FUÃO, 2011, p.30).

A inauguração da collage, discorre Fuão (2011), se dá a partir do recorte feito na seleção, classificação, divisão e organização das imagens. Durante esse processo, acontecem a discriminação, associação, análise e reconstrução da imagem, portanto, estudar o fenômeno de corte do recorte, aproxima a compreensão do ato criador, ou da poética da criação.

O (re)corte inscreve a diferença na vida, no corpo, na figura, no texto e na palavra. A tesoura é um instrumento a serviço da razão, ferramenta bastante afiada que, ao recortar fenômenos inseridos no contexto original, não somente os arranca, mas também os deixa vazios. O corte suspende, paralisa, acaba ou põe fim em um processo, interrompe, reprime e censura. A função do corte também é atalhar, encurtar, abreviar caminho, acabar com o trajeto convencional, com a narrativa clássica. A lei do corte inaugura sempre uma nova etapa. O corte é a confecção do abismo, da descontinuidade, do distanciamento entre os corpos, entre as linguagens. Um abismo que obriga os seres a comunicarem-se de uma maneira distinta. Tal como disse Sergio Lima, “a intenção é o corte, é o corte que entreabre, e da passagem ao entrever. A postura na collage é fundamentalmente de um incessante questionamento através de cortes” (FUÃO, 2011, p.33) .

O ato de recortar representa ainda renúncia, rejeição e escolhas, permite constatar que toda imagem tem dois lados, o verso e reverso. O verso, ordenado corresponde ao contorno e o reverso, desordenado. As mãos e olhos como objetos cortantes, adquirem a representação da tesoura, exercendo papel de captura, uma vez que quem recorta, é capturado pela imagem, e essa captura é o primeiro ato do trajeto amoroso:

Todo recorte é um rapto. Faz retornar um certo tempo mítico, no qual os homens raptavam as mulheres. Entretanto, na collage sucede-se um curioso entrecruzamento entre realidade e representação, entre raptor e raptado: no mito antigo, o raptor é ativo, ele quer capturar sua presa, ele é o sujeito do rapto. No mito da collage é tudo ao revés: o raptor parece não querer nada, não faz nada (está suspenso no tempo tal como sua vítima: a fotografia), fica quase imóvel à espera de que seja seduzido por sua presa, a imagem. Ele é o triste objeto da captura. Todo aquele que faz collage tem algo de Sabina, de raptado. Porque na collage, a figura é o verdadeiro sujeito do rapto.

Na collage o melhor seria dizer: “as figuras me pensam”, elas estão constantemente pensando-me.

Fazem-me pensar através de suas imagens cortadas.

Sou pensado, logo existem (FUÃO, 2011, p. 39).

O temor ou receio de cortar revistas, figuras, é o próprio temor de recortar-se, de expor-se aos poderes ritualísticos e mitológicos da tesoura. Por fim, se compreenderá que a utilização da tesoura e da cola, o medo de cortar e colar são as faces de uma mesma moeda, conclui Fuão (2011, p.42).

Para compreendermos o conceito de encontro amoroso proposto é importante destacar que:

A noção de collage como recontre, de acordo com Sergio Lima, foi primeiramente proposta por J. B. Brunius, cineasta e artista surrealista francês, para diferenciá-la de outras collages (papiers-collés, relieves, photomontages dadaístas) já que, infelizmente, seu conceito passou

a designar todo trabalho que inclui material aplicado, colado. Diz-se “Encontro” a relação recíproca envolvente entre figuras, objetos e corpos, ou do próprio ser frente a sua representação. A figura se refere ao tempo feliz que se seguiu imediatamente ao primeiro raptado (recorte), e antes que nascessem as dificuldades do relacionamento amoroso. No encontro fico maravilhado por ter achado uma figura que acaba por completar o quadro da minha fantasia [...] fazendo com que se cole na primeira tentativa o pedaço que vem completar o quebra-cabeça do seu desejo (FUÃO, 2011, p. 51).

A rearticulação das imagens, estabelece o reencontro mágico que concede à collage uma conversa fenomenológica entre o sujeito e os materiais que a compõem – tesoura, cola e fragmento. A metáfora dos encontros conecta fragmentos, figuras, espaços, tempos, culturas diferentes, possibilitando a criação de uma nova narrativa, que resulta na coexistência de passado, presente sobre uma mesma superfície, desenvolve (FUÃO, 2011).

Fuão defende que a collage é fruto de uma disposição, de um trabalho de deslocamento, como em psicologia, de um transporte, e, como tal, exige também determinadas condições para que as figuras se realizem. Esta disposição é uma temporalidade que se expressa do mesmo modo que um “trajeto amoroso”, e, portanto:

O movimento da collage pode ser comparado a uma trajetória amorosa. E aqui, repito oportunamente, uma vez mais, utilizei-me do Fragmentos de um Discurso Amoroso de Roland Barthes para explicar essa trajetória que, segundo ele, parece seguir três etapas, ou três atos: “a primeira é instantânea, a captura (sou raptado por uma imagem); em seguida vem uma série de encontros (encontros pessoais, telefonemas, cartas, pequenas viagens), no decorrer dos quais ‘exploro’, extasiado, a perfeição do ser amado, ou melhor, a adequação inesperada de um objeto ao meu desejo: é a doçura do começo, o tempo do idílio. Este tempo feliz adquire sua identidade (...) pelo fato de se opor (...) à ‘continuação’: A ‘continuação’ é o longo desfile de sofrimentos, mágoas, angústias, aflições, ressentimentos, desesperos, embaraços e armadilhas dos quais me torno presa, vivendo então sem regra sob a ameaça de uma decadência que atingiria ao mesmo tempo o outro, eu mesmo e o encontro prodigioso que no começo nos descobriu um ao outro (FUÃO, 2011, p. 54).

A ideia de inadequação é um aspecto que surge durante o processo de collage, quando se observa o desvio de qualquer aspecto da imagem em relação à sua representação habitual, gerando conflito pela falta de lógica aparente da nova coexistência proposta. Fuão, cita que: “Tal como as pessoas, as figuras são capazes de sacrifícios, renúncias, submissão, perda de seu significado, de sua forma, de sua aparência, em detrimento do outro” (FUÃO, 2011, p.60).

A concretização da collage se dá com o elemento da cola, e nos remetendo à etimologia da palavra, colligare, no latim, colegas, que andam juntos, figuras que andam lado a lado, Fuão propõe, que se associe a esse conceito, o significado da palavra símbolo - etimologicamente do grego (syn e tobalein) significa, também, ir juntos, aventurar-se juntos tal qual o sentido da collage.

Contudo, a cola, exerceria ainda a função de ponte, uma vez que permite a passagem de objetos, seres, de um lugar a outro, configurando numa solução ao abismo que se configura a partir da cisão das imagens. Colar é ainda, na sua representação como

verbo, consagrar, dar por terminada uma etapa, tarefa. A ideia de quem faz collage é criar pontes invisíveis, pontes de significados, unir o sonho à realidade. Fuão adverte:

Muitos dos que fazem collage costumam vacilar na hora de colar. Assim, justo no momento em que a mão se dirige para o ato de grudar duas figuras, o drama da indecisão toma força. O receio de colar é causa e motivo de temor. O temor de consagrar simbolicamente o encontro. No momento de aplicar a cola sempre paira a dúvida e a suspeita de que poderia ter havido um encontro mais satisfatório. É a mesma angústia do recorte já especificada, que também se manifesta na hora de colocar a cola. O medo é pertinente a todo ‘encontrar-se’ em geral. O acercamento, a proximidade, a união, a perda da identidade de cada um é o que caracteriza todo o temor inicial de colar, de gozar a conjugação do imaginário realizado pelas figuras. Há uma projeção do indivíduo nas figuras. Quem se aproxima da collage estará sempre exposto, simultaneamente, ao vento gelado da tesoura e ao calor ambivalente e pegajoso da cola líquida (FUÃO, 2011, p.83).

A collage como trajetória amorosa de autocuidado

O processo de construção da expressão artística com a collage, guia a uma poética sobre ritmos, padrões e espaços vazios. A reflexão sobre os ritmos da vida, dos pensamentos, das ações, das relações, das escolhas, os padrões ligados a esses ritmos, e os espaços vazios que se interpõe ou os atravessam, gerando a cadência da vida.

A exploração das imagens fragmentadas de sonhos recorrentes, como um recorte de si, por exemplo, serve de repertório para a composição de collages. A sobreposição de camadas, a junção de elementos visuais, esse recortar e colar, e a determinação da área, suporte e tema para a construção da collage, contribuem para estreitar o foco das questões ligadas à existência, e funcionam muito bem para aproximar aqueles que nunca experimentaram o fazer artístico, à expressão por meio da collage, acelerando o processo de reflexão sobre o diálogo que se estabelece a partir da criação.

O ritual da collage como trajetória amorosa de autocuidado, é uma entrega a caminhos que conduzam a lembrança, esperança, sofrimento, reequilíbrio, compreensão de si, crescimento e apreciação.

Enfrentar o temor de recortar-se, como adverte Fuão, é a única maneira de utilizar a collage no processo de reconstrução e cura.

A Poiésis, impulso para criar algo a partir da imaginação e dos sentimentos, é guiada pelo instinto lúdico. Ao conseguir a harmoniosa relação entre razão não mais culposa e instinto livre, através do brincar, do poetizar, do processo criativo lúdico, fundamental à arte, o sujeito assume a autorrealização de si mesmo como uma “alma bela” (MORAES, 2015).

Sendo assim, a Arte pode sacudir o sujeito, despertá-lo do torpor do espírito, tirá-lo da indisponibilidade e atirá-lo na disponibilidade, no engajamento pela vida. A Arte pode erguer a cabeça do indivíduo autêntico que se depara com o desafio de viver no mundo (MORAES, 2015, p. 70).

Justamente a Arte, pelo que ela é, força capaz de mobilizar processos internos do humano, pode ser também terapia, constata Moraes (2015), pois aciona elementos afetivos e oníricos da alma. Existe um elemento dialógico em toda forma de Arte, que ensina o espectador/ouvinte sobre a “arte do diálogo”. Conclui-se, portanto, que cada proposta estética é uma resposta a uma provocação, tanto do artista em relação ao seu mundo, quanto do estilo a que ele se vincula. E daí a afirmação de que a Arte é provocadora, catalisadora, de revoluções culturais, pois valores arraigados até então, podem ser mudados a partir da criação artística, como ilustra Moraes (2015):

O entendimento sobre poética, nossa poética e resposta estética àquilo que nos agrada ou não, é perceptível quando a expressão da emoção se dá através do processo de collage – da transfiguração de todas as coisas e seres em uma mudança de significado, como vimos em Fuão (2011).

Daí, a collage como trajetória amorosa de autocuidado.

Referências

ALVAREZ, S. *Curso Collage* Acesso 16/10/22. Disponível em: <https://www.savoa.com.br/produto/collage/>

BOTTON A.; ARMSTRONG J. *Arte como terapia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

COLAGEM. In: *Enciclopédia Itaú Cultural De Arte E Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Acesso em: 11 de setembro de 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo369/colagem>

COLLAGE ART: 1960S POP COLLAGE, The Second Generation - Unframe. Consultado em 11 de setembro de 2022. Disponível em: <https://unframe.london/collage-art-pop/>
CUBISMO. Consultado em 11 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cubismo/>

CUT AND PASTE - COLLAGE BEFORE CUBISM. NATIONAL GALLERY OF SCOTLAND. Vídeo: 3min56seg. Acesso em 11 de setembro de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/FKzA5sZBNJw>

DADAÍSMO. Consultado em 11 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/dadaismo/>

DAVISON, C.M. *Biographical Collage as a Tool in Inuit Community-Based Participatory Research and Capacity Development*, 2019. Acesso em 28 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1609406919877307>

FANCOURT D.; FINN S. Health Evidence Network Synthesis Report 67 What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? *A scoping review*, 2019. Acesso em 19 de abril de 2022. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329834/9789289054553-eng.pdf>

FROST BS. SOULCOLLAGE® EM EVOLUÇÃO – *Um processo de colagem intuitivo para autodescoberta e comunhão*. 1. ed. USA, Kindle, 2021.

FUÃO F. *A collage como trajetória amorosa*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

KANYER L. *Collage Care – Transforming Emotions and Life with Collage*. 1. ed. Washington: Laurie Kanyer, 2021.

MORAES, AW. *Salutogênese e auto-cultivo – Uma abordagem interdisciplinar*. 2. ed. São Paulo: ABMA – Associação Brasileira de Antroposofia, 2006.

PAOLO J.K.; LEVINE G.E.; LEVINE K.S. *Principles and Practice of Expressive Arts Therapy*. 1. ed. Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers London and Philadelphia, 2005.

THE ART OF VICTORIAN PHOTOCOLLAGE – PLAYING WITH PICTURES. Acesso em 11 de setembro de 2022. Disponível em: <https://archive.artic.edu/victphotocoll/overview/>